

no I-N.º 47

Preço um escudo

7 Junho 1931

reporter.

Semanário das grandes reportagens

*Dramas íntimos do
Porto*



reporter

**semanário de maior
tiragem e expansão
em Portugal**

Grande reportagem e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

**Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país**

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
ROSSIO, 3, 3.º - TELEFONE: 2 5442 - LISBOA
End. Teleg.: **REPORTERX - LISBOA**

Delegação no Porto

R. DA FÁBRICA, 11, 2.º - TELEFONE: 4353

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Bertrand (Irmãos), Ltd.,
Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

TABELA DE PREÇOS

| | |
|--------------------------------------|--------|
| 3 meses - série de 12 números - Esc. | 11\$50 |
| 6 " " " 25 " - Esc. | 22\$50 |
| 12 " " " 52 " - Esc. | 44\$50 |

Para as colónias e estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado

BREVEMENTE

O MAIS SENSACIONAL E
BRILHANTE SEMANÁRIO
DO CRIME E SUAS VARIANTES

Detective X

Dirigido por **REINALDO FERREIRA**

O inimitável **REPORTER X**

BREVEMENTE

BREVEMENTE

Obras completas do REPORTER X

A VENDA EM

TODAS AS

LIVRARIAS

Verdade! Emoção! Deslumbramento!

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e Amé-
rica do Norte

Agente no Norte da

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60 - Tel. 762 - Porto

Deite fóra todas essas aguas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua
bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constatará que é só

Komol

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa e sem auxilio de ninguem, resti-
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**

E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guem conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL - R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831. - Depositário -
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 -
Telefone 2 1415 - Agente no Porto - A.
QUADROS Jor. - R. de Traz, 7, 2.º - Telef. 87

HOMENS E FACTOS DO DIA

PAULO Freire é, sem dúvida, um dos jornalistas de combate mais populares de Portugal. Reúne a um real talento literário a virtude milagrosa do moderno reporter, a energia dum guerreiro e uma honestidade que é a garantia máxima do leitor que se emociona e se entusiasma e se indigna e se comove com a sua prosa. As «Notas Varias», que tão grande público grangeou em todo o norte e em todo o país e que é a secção mais gulosamente apreciada do «Jornal de Notícias» do Porto, são o «ex-libris» do seu valor. O Reporter X, oferecendo aos seus leitores esta nova secção, orgulha-se como de uma das suas maiores vitórias.

NÃO há nada que se fixe melhor no cérebro da juventude e crie na mocidade uma maior soma de revolta do que a prática de uma injustiça, a manifestação de uma prepotência, à margem da lei.

Um exemplo. O Governo decretou que o dia 13 — mau número! — de Junho fosse feriado nacional. Muito bem. Muito bem ou muito mal.

Decretou. E vai o comércio, fecha aqui, fecha ali, dando à cidade o aspecto de um rosto picado das bexigas, desrespeito o feriado. Os senhores já pensaram na indignação que esta birrazinha devia ter produzido no espírito dos empregados? Não pensaram. Pois pensei eu, que sinto e sei que é com injustiças estúpidas, prepotências idiotas e vexames panguços que se aumenta até ao infinito o número, sempre crescente, dos revoltados.

Ou todo o comércio abria, ou fechava todo o comércio. Ficarem uns atrás do balcão e irem outros vêr jogar o *foot-ball*, nem enobrecer uns, nem enriquecer os outros.

A miséria humana toma por vezes aspectos dos mais insuportavelmente repe-

lentes! É preciso que certos homens tenham uma alma de lama argamassada em estrume para se poder acreditar em certos factos que esses homens praticam e essas almas gozam sem um estremeção sequer de remorso.

Veja o leitor este caso e pasme.

Um traficante de ideias para gôzo próprio meteu-se há tempo numa aventura política, mas sabedor, por cálculo e manha, de que a ausência de corpo é tudo, o resto quasi nada, tratou de arranjar seguro abrigo em casa de um correligionário amigo. Rima e foi verdade. Até aqui, porém, não há lugar a espantos nem a comentários. O melhor da festa é que passados dias o correligionário amigo tinha um ataque de fúria e era internado num hospital de doidos. Autêntico! O homem, coltado, não tivera resistência cerebral para agüentar os enfeites de gratidão com que o amigo o premiara.

Se há, na escala das abjecções, abismos insondáveis, este onde chafurda semelhante *benemerito*. é dos mais profundamente situados!

Tão fundo, tão fundo, que nem se lhe encontra medição possível...

PARA variar de assunto. Lisboa é uma cidade onde cada modificação leva meses e anos, primeiro que se faça, por vezes com desagradáveis aspectos que a tornam numa *urbs* esburacada e horrenda.

Três factos, apenas, para comprovar a asserção.

Na Rua das Janelas Verdes, a dois passos do nosso principal museu que todos os estrangeiros visitam, há um prédio em ruínas que já quasi tem cabelos brancos e oferece o tristíssimo espectáculo da sua miséria inacreditável, numa das mais lindas e frequentadas artérias da cidade.

Na Rua Barata Salgueiro, esquina de Santa Marta, há outro, ainda por demolir, que constitui, com a linha dos «eléctricos», uma perigosa ratoeira ao transeunte prevenido.

Finalmente — finalmente, com referência aos três exemplos, porque senão nunca mais acabava, na Rua da Palma, ao Socorro, há uma série dêles, com a indicação cabalística C. M. L. — *Para demolir* —, que não faz sentido permaneçam eternamente assim.

Não servem os donos, não servem a Câmara, não servem o público. O melhor seria arrazar de vez e discutir depois a razão do caso. Ou isto, ou não lhes ter mexido.

O que faz o pavôr da própria consciência!

Há, nesta linda cidade de «muitas e desvaivadas gentes», um padre redondinho e efeminado, que pastoreia uma alegre freguesia excêntrica alcandorada em alto miradouro de onde se viram partir as caravelas de Quinhentos, que tem em casa, pronto a servir à primeira voz, um fato alvado, um chapéu mole da mesma côr e umas barbas postiças.

Palavra de honra que valia a pena fazer-lhe rebentar à porta uma bomba de Santo António só para o ver, com o susto, vestidinho à «papo sêco», chapéu à banda e as barbas respeitáveis, imitando o *nosso querido poeta* João Maria Ferreira.

«Morena! meu Amor é tanto! Tanto! Tanto!...»

Ai filho! que bem que cantas.

Deixa que logo bebes...

FREI GIL D'ALCOBAÇA

UM LAPSO

Do número passado do *Reporter X*, que tão grande êxito de venda obteve por toda a parte, cerca de quatro mil exemplares saíram com o número 47, em vez de 46. Sabemos que a maior parte dêsses exemplares foram vendidos no norte do país. Fazemos a rectificação, e pedimos desculpa aos nossos leitores dêste pequeno mas importante êrro tipográfico.

TRANSCRIÇÕES

A *Folha de Vila Verde*, um dos mais bem redigidos jornais da provincia, que o sr. Gonçalves Araújo dirige, transcreveu um artigo do nosso prezado colaborador Costa Júnior, que se intitulava «O Conde de Romanones».

O «RECORDMAN» DO CHARUTO



JUIZ DE CAMPO: — Preparar!... Está pronto?... Pun!...

COISAS QUE TODOS
DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO
vende os afamados
Tapetes de Beiriz,
faianças artísticas
e mobiliário
género antigo

Rua Ivens, 30 a 34
Telefone 2 6064

PINCIPIEMOS por uma frase à amigo Banana: as crianças são a Humanidade de amanhã. E foi talvez pensando nesta banalidade que Júlio Verne, o grande visionário que previu o aspecto da Humanidade com um século de antecedência, escreveu um livro encantador, que maravilha as almas adolescentes e as estimula para a conquista de uma existência melhor. Um grupo de alunos de uma escola americana embarca, durante as férias, numa escuna de recreio para uma viagem pelo Pacífico. A bordo vão apenas crianças, a mais velha das quais tem catorze anos, salvo erro. A meio do Oceano, um ciclone leva o barco para longe e arremessa-o à praia de uma ilha deshabitada. É ali que esse gru-

UMA X X X REPÚBLICA DE X X X X CRIANÇAS



Os mais pequenos faziam com os maiores pactos infames



Vagabundeavam pelas cidades, entregues à pilhagem e à mendicância

po de crianças, longe do mundo conhecido, funda uma república infantil — maravilhosa organização política, presidida por um alto ideal de justiça, que tomaram muitos países, governados por adultos, igualar em perfeição.

Nos fins do século que passou, os sociólogos e filósofos, divididos em dois grandes grupos, entrecrocaram-se numa violenta discussão. Uns afirmavam que o homem, na sua essência, não é bom nem mau, mas apenas um resultado do ambiente em que cresce e se desenvolve (eram os adeptos do determinismo); os outros opunham que os homens nascem, por indole, maus na sua maioria, sendo os bons uma excepção, quasi um erro da natureza (eram os adeptos do livre arbitrio).

Ao lado dos deterministas encontravam-se os socialistas libertários, sonhadores, que pretendiam que a sociedade se modificasse rapidamente, para dar início a outra, regida por princípios tão livres de preconceitos, tão altruistas que o Homem, vivendo nesse ambiente, se tornasse fatalmente bom e útil à sociedade. E para comprovarem com factos essa teoria, fundaram escolas libertárias onde as crianças, logo de pequeninas, aprendiam insensivelmente a ser boas. Essas escolas, por escassez de recursos, por inesperienza pedagógica e por guerra dos adversários, foram de pouca duração.

A discussão foi morrendo, a Europa mergulhou febrilmente em guerras e revoluções, e nunca mais houve ambiente propício nem tempo para experiências consideradas lunáticas.

Ora, Júlio Verne na sua república de crianças aproxima-se muito, levado apenas pelo seu maravilhoso instinto de adivinho, da escola de crianças que os deterministas pretenderam, por várias vezes, criar.

Se o homem é bom e mau segundo o ambiente que o impele, não resta dúvida que esse ambiente actua mais facilmente na alma menos preparada das crianças. Basta vermos nas nossas cidades quanto influi na conduta dos adultos a educação que tiveram na infância. Os pequenos que nasceram e viveram entre gente de baixa esfera moral adaptam-se de tal maneira à imoralidade que mais tarde fornecem, na sua maioria, a carne das prisões, dos degredos e dos presídios.

Depois da revolução russa, quando os Sovietes, bloqueados pelo imperialismo mundial, lutavam com a fome, o abaixamento

do nível moral atingiu de preferência as crianças. Bandos de pequenos pervertidos pela fome vagueavam pelas cidades e pelos campos, organizando-se em quadrilhas que assaltavam adultos, roubavam estabelecimentos e entregavam-se à prática das mais repugnantes perversões sexuais. O ambiente actuava de tal forma na moral infantil que tornava crianças em autênticos bandidos. Conta-se que um pequenito dos seus doze ou treze anos, pedindo uma esmola a um transeunte, como este lhe recusasse, pediu-lhe a mão para a beijar. E em vez de beijá-la, mordeu-a até provocar sangue. Fugiu para longe e, quando já o não podiam alcançar, gritou para o transeunte:

— Recusaste-me uma esmola, vinguei-me. Eu estou sifilítico. Peguei-te a moléstia!

A moral desta criança, que exprime o estado de espirito desses bandos famintos da Rússia que serão a Humanidade de amanhã, causa arrepios.

Foi a catástrofe infantil da Rússia que animou alguns pedagogos e filantropos judeus a pôr em prática, em larga escala, a república de crianças, sonhada por Verne e pelos libertários. Existe hoje na Palestina uma república de crianças, governada por elas próprias, onde se recolheram inúmeras crianças que durante o bloqueio imperialista vagabundeavam na Rússia.

O trabalho é a base social dessa república de pigmeus. As escolas são ao ar livre, a agricultura é a sua primordial ocupação e hoje não se sabe o que é roubo entre essas crianças, parte das quais tiveram como primeira noção da vida o furto. A Holanda e a Alemanha vão fundar repúblicas idênticas. Se o exemplo pegasse em todo o mundo, poderíamos ter esperanças mais arreadas na próxima felicidade humana.

M. D.

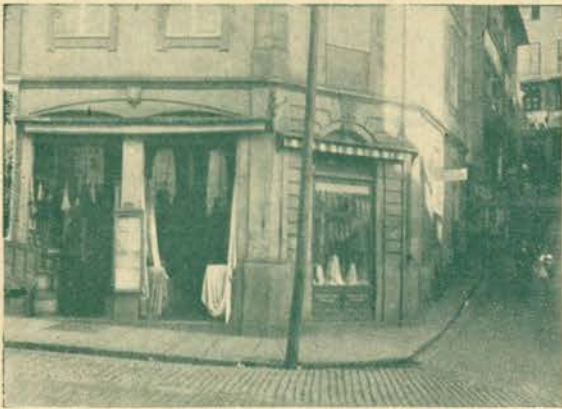


Na república ideal, os pequeninos aprendiam a virtude pelo trabalho

OS DRAMAS INTIMOS DO

PORTO

A «garçonniere» sinistra — As tragédias camilianas — A tertulia dos «Antony» — O retrato — O anúncio dos jornais — O «atelier» à... Vendôme — O segredo de R. M.



...foi num prédio da Rua Mousinho da Silveira, esquina da Rua Ponte Nova

OS lisboetas — ou antes: todos os portugueses do sul — ignoram o Porto. Vêem-no através do sarcasmo de Camilo, que o apodou de «uma aldeia com muitas casas»... Mas é o próprio Camilo, no estendal imenso das suas obras, quem se desmente, focando centenas de dramas onde as almas são arminho e as imaginações fogo ardente. Camilo não lhe perdoou o que sofreu com Ana Plácido, Camilo hipercrofiou a sua galeria com o tipo do burguês sórdido, do brasileiro de ida e volta e da taboada dos 2+2=6... Mas se no seu elenco superabundavam os lojistas da Rua das Flores — as ingénuas românticas e apaxonadas e os galãs fatais não são em menor número.

O Porto é — foi sempre — um palco de constantes dramas — dramas íntimos, novelescos, impressionantes. Os dramas do Porto não se assemelham aos de Paris, nem sequer aos de Lisboa. Têm, como o seu casario, como todo o seu cenário, um carácter muito seu. Eis a razão porque o Reporter X pretende organizar o desfile dessas tragédias, através de reportagens de flagrante actualidade — intercaladas com as que, retrospectivamente, recordarão os dramas já esquecidos...

Os suicidas

PORTO, 23. — Há pouco tempo, numa tertulia de «Antony» portuenses, que costumam reunir-se, todas as noites, no Café Avenida e que nele se demoram o tempo indispensável de bebericarem uma cerveja, notou-se a falta de um dos seus componentes, M... de R... jovem elegante, filho de um abastado exportador de Gaia, mais culto e mais inteligente do que os pedantes da sua roda mas que, graças à condescendência paterna, se permitia heroificar uma existência afogada de comodidades, de caprichos satisfeitos, de viagens, de emoções automobilísticas e de amores caros... Mas M... de R... havia já umas noites que não aparecia... Ninguém dava fé do motivo do seu afastamento. «Deve estar na sua garçonniere» — lembrou alguém. A sua garçonniere era famosa. Custara dezenas de contos. Os Nascimento dos «móveis» tinham colaborado com ele no risco decorativo, recheando-o de fantasias modernistas. A sala era uma maravilha, com mesas liliputianas, tamborettes cubistas, recantos fechados, em forma de *capuchons* de seda, gigantescos... As lâmpadas era azues, roxas, vermelhas, tingindo o ambiente com tonalidades de sonho de ópio. Que noites orientais se tinham vivido ali dentro!

Os «cautos» de corrida, troteando, buzi-

nando, num alarme exuberante, rodaram, a desfilada, pela Rua Mousinho da Silveira e pararam à esquina da Ponte Nova. Um dos amigalhaços de M... R... possuía uma chave da garçonniere. Subiram a Rua Nova; andaram uns metros. Depois entraram todos; berraram o nome do proprietário, sem obterem resposta, até que um novato, que fora bisbilhotar atrás de uma cortina, os alertou, lívido, gaguejante, cambaleante... «Está morto! Está morto!». Correram todos ao quarto... Estendido sobre um leito sumptuoso, e com a cabeça pendente, quasi a roçar pelo tapete — estava o corpo de M... R... Auscultaram-no. O coração não batia. Num tamborete vizinho via-se um cálice... Alguém o levou às narinas: a morte viera desse cálice. Entre os seus dedos, enclavinados pelas angústias agónicas, havia um retrato de mulher. Ao reconhecerem a retratada, entreolharam-se, pasmados: era a encantadora G..., a irmã do suicida, sêcia de 18 anos, que todo o Porto adorava, e em cujo rosto, de puro e virginal, as próprias tintas da maquilhagem pareciam luz da alma transparentada através da pele...

Os detectives elegantes

Os jornais portuenses noticiaram, em largas crónicas e com disfarçada ignorância, o triste acontecimento: «Faleceu ontem, repentinamente, fulminado por um ataque cardíaco o jovem «sportman» M... R... que toda a cidade estimava pelos seus invulgares dotes de carácter e de espirito. O desditoso moço, que contava apenas 23 anos, era filho do considerado comerciante de Vila Nova de Gaia, o nosso querido amigo sr. R..., a quem, como à restante família enlutada, apresentamos as nossos condolências. O funeral realisa-se hoje, às 3 horas da tarde, saindo, etc.»

Movera-se terra e céu para que não se propagasse a verdadeira tragédia. Um médico amigo diagnosticara uma síncope, para evitar o escândalo e a autópsia. Mas a-pesar das testemunhas terem jurado ao infeliz pai que nada diariam — o boato começou a correr pela cidade... Mas qual a causa daquela loucura? Que elo podia existir entre a desesperada resolução do simpático M... R... e a irmã, com cujo retrato ele quisera morrer?

Vagabundeiam pelo Porto uns madraços ja-

notas cuja única missão na terra é a do detectivismo amador

sobre as intimidades alheias. Ora esses moços sentiam-se vexados no seu amor próprio, quando à hora do chá, nas confeitarias de Carlos Alberto ou de 31 de Janeiro, as damas elegantes os interrogavam e eles não podiam esclarecê-las sobre o mistério daquela morte... E tanto assim que um deles, o catitíssimo sr. B..., filho de um lojista de Sá da Bandeira, resolveu meter ombros ao inquérito. E foi bem sucedido! Pouco depois já se sabia, nas confeitarias, nos *boudoirs* da Boa Vista, nos corsos da Foz, que de facto fora a fotogénica G... a causa do alucinado gesto do irmão...

O «atelier», misterioso

M... R... não era um p e r v e r tido. Pelo contrário. Gozara a sua mocidade, resistindo ao contágio do



(Continua na página 13)



Existem vivos que nos recordam a Morte...

HÁ anos—mesmo bastantes anos—, lembramos de ter visto um filme cinematográfico cuja impressão, sempre que o evocamos, nos faz estremecer de pavor. Estávamos então naquela idade em que as emoções fortes deixam no nosso espírito marca indelével. Contávamos dezasseis ou dezassete anos. E muito embora uma existência agitada, vivida a largos haustos, sobre essa impressão longínqua tenha acumulado episódios sobre episódios, de forma a apagá-la temporariamente do nosso espírito, basta um pequeno nada, uma palavra, um gesto, três linhas de jornal, para logo a fazermos ressuscitar do fundo da memória e especá-la ante os nossos olhos apavorados. Já não podemos reproduzir aqui, porque se nos escapou do cérebro, com um perfume subtil de um frasco mal rolhado, o título do filme, nem rememorar todos os pormenores do entrecho, mas lembramo-nos perfeitamente do facto principal do drama. Era um par feliz de noivos ideais, cinegráficos. Viviam arru lhantes e meigos como pombos no pombal. Um dia, ele adoece súbitamente e em poucas horas a morte derruba-o. Via-se o morto estendido no caixão, o préstito fúnebre e a viuvinha, muito linda, chorando lágrimas amargas.

O tempo decorre. A viuva enamora-se de outro homem e casa novamente. Do primeiro marido, daquele a quem jurara amor eterno, já não existia senão uma sombra de recordação que se afastava com uma sacudidela de ombros, como quem enxota uma mosca teimosa, mas insignificante.

Um outro quadro do filme, porém, passa-se no jazigo onde o cadáver do primeiro marido fôra depositado. Vê-se estoirar de repente, na meia luz tumular, o tempo do caixão e ele surge, primeiro, surpreendido, como quem após um longo sono ainda não tomou consciência do que o cerca, depois aterrizado, trágico, angustioso, ao notar que fôra tomado por morto e arremessado para aquele subterrâneo. Vê-se o vulto dêle na penumbra, fazendo esforços sobrehumanos para levantar a lage enorme que o enclausurava na cave do jazigo; depois a luta brutal, às grades da porta, até que consegue arrombar a fechadura e sair. E quando a luz do dia o ilumina, nós vêmos, com

Mortos que vivem e vivos que morrem

Um morto que foge do jazigo — Um louco que se levanta do caixão — O homem que manda retirar de casa o seu próprio cadáver — Um drama português.

espanto, que todo o cabelo do suposto morto embranquecera. Aquele sofrimento envelhecera-o cinquenta anos. Ao espelho mal se reconhece. De regresso à vida êle não aparece logo à esposa. Quere vigiá-la de longe, saber como ela iria proceder, julgando-o morto. E assiste, de perto, sem ser reconhecido, aos mais rudes golpes sentimentais. Depois, depois, o resto não interessa...

Estes episódios trágicos ressuscitaram na nossa memória quando há dias lemos nas gazetas a noticia picaresca da ressurreição de um doido.

Numa aldeia de Espanha, um louco que vagueava pelos caminhos, esmolando, foi encontrado morto. O sub-delegado de saúde verificou o óbito e a população da aldeia, condoída, custeou as despesas do caixão, conduzindo o cadáver do louco ao cemitério.

A meio do caminho, o morto acordou de

repente. Despertava de um sono letárgico que o prostára. Saltou para fóra do caixão, cumprimentou para a direita e para a esquerda, e foi-se embora tranqüilamente...

E ainda deve estar na lembrança dos nossos leitores, o caso trágico de Florença, que evocámos há meses, neste jornal, de Giulio Canella, encontrado num hospital de doidos, onde o tinham recolhido, ignorando-lhe a identidade, e onde sua mulher, que o julgava morto numa batalha da Macedónia, o foi buscar. Mas logo apareceu outra viuva a reclamar o louco, afirmando que êle não era o professor Canella mas sim o tipógrafo Mário Bruneri, seu marido. A luta destas duas viúvas pela posse de um marido que ambas julgavam ser o seu é espantosamente trágica. Por duas vezes

(Continua na página 14)

A Humanidade vai morrer de fome

Previsões de dois sábios — O que sucederá dentro de cem anos — A léra-humana — Uma estatística apavorante

A Humanidade vai morrer de fome. É esta a conclusão terrível a que chegaram dois sábios universalmente conhecidos — os srs. Arthur Thompson, professor de História Natural, e o professor Patrick Geddes, zoólogo, botânico e sociólogo.

Esta afirmação deve causar arrepios a muita gente, principalmente às pessoas que estão habituadas a comer bem. Mas descansem os que nos lerem, porque êsse acontecimento, apesar de vir a produzir-se num futuro próximo, é, felizmente, bem longínquo em relação à pequenez das vidas humanas. Esse cataclismo está previsto para daqui a cem anos, isto é, quando os nossos leitores estiverem há muito a ser pasto dos vermes. Podem tremer os que cercam a existência de mil cuidados, na esperança de alcançarem uma longevidade digna de um Mathusalem. Esses, se não morrerem antes dos cem anos, como normalmente sucede à maioria dos mortais; se conseguirem atravessar o mar encapelado da existência sem se encontrarem com a Morte, no ano 2031 cair-lhes-ão fatalmente nos braços descar-



Nas grandes cidades, todo o movimento pára e os famintos cáem, exaustos...

nados e sinistros, porque nesse ano ninguém escapará.

Visione, portanto, o leitor a que espectáculo assistirá daqui a cem anos, se fôr vivo. O mundo estará então congestionado de grandes cidades, admitindo que a tendência para o urbanismo continuará a acentuar-se. E quando, por excesso de população, a hora extrema soar, começará a assistir ao desenrolar do drama pungente que, em poucas semanas, despovoará o globo. As

(Continua na página 14)

DE CONSTANTINOPLA AO BAIRRO ALTO

Como uma pilha de papelada, vendida a pêso por um marçano da Rua da Rosa, rendeu 700 contos a um alfarrabista da Rua do Grémio Lusitano

TODOS os lisboetas que vivem, trabalham ou costumam atravessar o Bairro Alto devem recordar-se dum velho alfarrabista chamado — ou apodado — de «Cedovem», que esteve durante muitos anos na Travessa da Espera e que, a partir de 1919, se não estou em erro, se instalou na Rua do Grémio Lusitano, quasi ao cimo, próximo de uma esquina, à direita de quem sobe. A loja tinha só um portal, negro e encardido, espécie de bocarra cujos dentes fôsses os estendais de livreiros sujos e amarfanhados. Lá dentro, numa estreiteza asfíxiante e numa confusão de vala de lixo, empilhavam-se tomos antigos, picados de traça, alfarrábios desirmanados, fascículos enodoados de gordura, papeladas e estampas de todos os géneros, exalando um fartum de agoniar. O velho «Cedovem», de óculos presos às orelhas por um cordel, e um guarda-pó enxadrezado de remendos, passava os dias, sonolento, com uma «beata» esquelética grudada aos lábios, enquanto o filho e único caixeiro, um rapazote de guedelha romântica e olhar febril, mergulhava, sófregamente, numa leitura interminável.

Súbito, «Cedovem» fechou a loja e desapareceu do bairro. Julgava-o morto quando, há dias, ao evocá-lo a um amigo, este me garantiu o contrário: «Vivo... vivíssimo! E, já agora... vem daí comigo... São dois passos apenas...». Mal sabia eu a surpresa que me aguardava...

O diálogo travára-se na Praça de Marçal Saldanha; os dois passos que o meu



«Von» Stoltz à sua banca de trabalho

amigo prometeu... duraram dez minutos, ao longo da Avenida da República. Parámos, por fim, frente a um desses «chalets» vagamente apalaçados que se têm construído ultimamente nas Avenidas Novas. — «Observa a casa... enquanto não vêm os seus habitantes. Não devem tardar... É a hora...» Havia um jardim a enquadrar o «chalet»; ao fundo de uma ala erguia-se uma «garage» de madeira; à direita, um terraço coberto por um tóldo listrado de amarelo e azul. Um «chauffeur», depois de abrir a porta da Avenida, foi buscar um «Citroën» luxuoso, travando-o frente ao terraço. Apareceram então um velho, de frac e óculos de aro de tartaruga, uma dama igualmente idosa, bem enojada, um jovem, estilo galá da «Paramount», e uma senhora nova, airosa e gentil. Beijaram uns «bebés» que traquinavam no jardim, deram uma ordem a um criado, entraram no

«auto», e lá foram, Avenida acima, numa lenta marcha de passeio.

«Reconheceste-os?» — indagou o meu amigo. Reconhecera-os, mas não acreditava no que os meus olhos viam. Aquele velho de aspecto de burguês endinheirado... podia lá ser o «Cedovem», o alfarrabista de guarda-pó remendado, que eu conhecera no Bairro Alto? Aquele moço, tão janota e cinematográfico... podia lá ser o jovem guedelhudo, romântico, sonhador e mal vestido, que passava os dias a devorar alfarrábios? Mas eram eles, de facto. E contaram-me então a história...

Uma tarde, há 4 ou 5 anos, apareceu na loja um marçano, a vender-lhe uns cader-

nos manuscritos em caracteres exóticos, que nem ele nem os compradores souberam definir. As ilustrações coloridas, feitas à pena, que o iluminavam, e as encadernações despertaram um relativo interesse ao alfarrabista, que os avaliou a escudo (e eles eram cinco...). Dois meses se desenvolveram sem que aqueles estranhos volumes, expostos no estendal da porta, chamassem qualquer freguês. Uma tarde, certo estrangeiro, após demorada e muda contemplação, em que os folheára, curioso e atento, entrou disposto a comprá-los, oferecendo, antes que «Cedovem» lhe dissesse o preço, cem escudos por cada um. O alfarrabista ia a exhibir o seu «alegrão» quando o filho, mais esperto, mais moderno, despertou do seu extasi crónico, intervindo e mentindo ao cliente que...: «Foi um amigo nosso que pediu para os termos aí, mas só falando com ele é que posso apreçá-los. Desde já o previno de que esse amigo conhece o seu valor e pede muito dinheiro por eles...». O estrangeiro prometeu voltar na tarde seguinte, e «Cedovem» filho foi-lhe na peugada até ao Avenida Palace, onde se informou sobre a sua personalidade. — «Este senhor é um diplomata e arqueólogo turco,

(Continua na página 14)

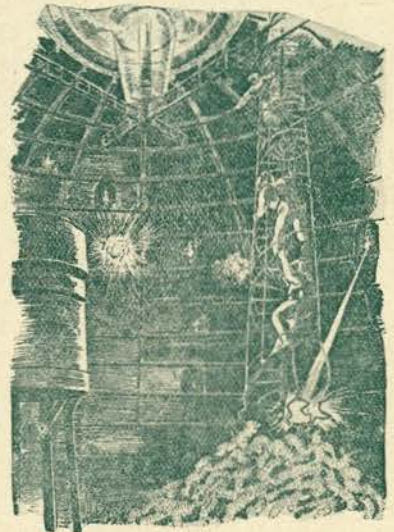
Os mergulhadores do Inferno

A Policia descobriu em Roma uma seita que pretendia estabelecer contacto material com o Diabo

NA madrugada de 13 último, os habitantes da mais velha rua do mais velho bairro romano, de onde, segundo a história topográfica do magestoso império, Nero deslumplou os primeiros archotes incendiários da sua alucinação, *Via della bocca che dice la verità...*, foram alvoroçados pelo silêncio suspeito de uns «autos», de faróis apagados, que pareciam cercar determinado casebre. O silêncio é, muitas vezes, mais escandaloso do que o barulho; e para aqueles pobres-diabos, habituados às longas e ruidosas caravanas automobilísticas dos turistas internacionais, que orquestram as buzinas estridentes para musicarem a sua visita às ruínas de Roma, a discreção cheia de cautelas dos indivíduos que saíam dos carros e atravessavam a rua no bico dos pés intranquillizou-os como o aviso de uma tragédia. E quando, semi-ocultos atrás das vidraças, se aperceberam de que alguns dos recém-chegados vinham armados de pistolas e carabinas, a sua bisbilhotice inquieta transformou-se em pânico. A porta do casebre fôra suavemente escancarada, e por ela desapareceram todos os misteriosos noctívagos...

Enquanto os vizinhos da *Via della bocca che dice la verità* aguardavam o desenlace da cena — cruzaram-se, entre eles, comentários dignos de registo. É que, de facto, aquele casebre agora invadido há muito que os picava de curiosidade e de... desassossego. Tivera sempre má fama — atribuindo-se-lhe o íman de fenómenos sobrenaturais — fantasmas, almas penadas, feitiços, bruxedos... Um dia, há poucos meses, tinha sido adquirido por um velho corcunda, espécie de gnomo caricatural e horrivelmente aleijado que se deslocava ao colo de creados. A partir de então, raro era o dia em que eles não viam desembarcar novos inquilinos do casebre — aos grupos de 10 e

20 —, sendo raro notarem a saída de um só. Dir-se-ia que quem lá fôsse era engulido por invisíveis dragões. Não se sabia mesmo como havia espaço para tanta gente. Ha-



Era um viveiro de homens vestidos como os mergulhadores...

(...Reprodução sobre o natural, feita pela «Vita», de Roma.)

viam dado fé, também, de enormes «camions», que apareciam de noite para carregarem cestos e cestos pesadíssimos — com ignorado conteúdo... Este passado vinha

(Continua na página 15)



O general alemão «Von» Backler, herói da guerra de 70 e que nunca mais esqueceu... os portugueses...

N O vasto hall do Coliseu dos Recreios afixaram-se há dias, numa exuberância litográfica de cores, uns cartazes que atraem, de manhã até à noite, a atenção emocionada do público. Novos e velhos embasbacam, e sem desfitarem os olhos daqueles placards gigantescos — discutem, urdem, profeciam, recordam episódios antigos, com um entusiasmo de quem pudesse assistir, dum cómodo camarote, a uma batalha de Verdun. Nesses cartazes exibem-se os corpos de Hércules de todas as raças, braços onde os músculos se dilatam como aleijões, arcabouços cilíndricos em que os peitorais, de músculos, recordam os seios da Maja, de Goya, pernas que são colunas de mármore, torneadas às cegas, tal a largueza das suas saliências musculares...

É a temporada da luta — da luta greco-romana, a máxima paixão do nosso público essencialmente másculo, amante da força, quando é nobre, e um pouco brigão, valentão e — usemos o termo popular — *lésio*! E não é de hoje: é de sempre. Quando, há vinte anos, se anunciaram os primeiros espectáculos de luta, Lisboa delirou. Recordo-me dos desfiles de reclamação que os lutadores faziam por essas ruas: gregos, turcos, negros, dinamarqueses, russos, uns de saio macedónio e polainas franjadas, outros de fez vermelho na cabeça, outros ainda de traço holandês ou cossaco — o boné cónico, peludo, botas altas, envornizadas, cinturão, punhal embainhado, e o povoleu atrás, a remirá-los papalvamente; e depois, à noite, a electrização dos nervos de milhares de espectadores, o berreiro, os partidos, as paixões, a emoção — enquanto, na pista, dois corpos gigantescos, escorrendo suor, se emaranhavam, se enroscavam, se contorciam, até que um deles se confessava vencido, e toda aquela multidão se erguia, esbracejava, berrava, num clamor alucinado, como outrora nos circos romanos, quando um gladiador caía, golvando sangue...

Episódios da luta

Foi nessa época que uma noite se desem-pastou da mancha confusa da geral um homem a desafiar o mais forte lutador da *troupe* — um búlgaro tão corpulento que



parecia visto através de um óculo astronómico. Esse valente da geral era um carroceiro — Abel Augusto —, tinha 25 anos e embora possante era como que um pigmeu ao lado do outro. Houve quem risse — e houve quem empalidescesse. O búlgaro não respondeu logo, a examinar incrédulo o antagonista e a tomá-lo talvez por embriagado ou louco. Depois quis generosamente poupá-lo — sem dúvidas a respeito da vitória fácil que obteria, ao primeiro minuto de *corp à corp*... Por fim, ante a insistência do público que exigia o pugilato — acedeu... com dó. Despem e preparam com uns calções emprestados o inesperado lutador da geral. Este entra na pista e de frente ao adversário. Aos primeiros contactos o carroceiro girou em redor do búlgaro como um disco nas mãos do *jongleur*. Mas eis que o portuguezinho se exalta, se liberta das garras do antagonista e inicia a sua luta. Vibrou no silêncio do circo uma bofetada tão ruidosa que podíamos alcunhá-la de... *estridente*. O búlgaro cambaleou, tentando logo enlaçar o português; mas este, agilíssimo, recuou num pulo, e no próprio movimento do recuo lançou-lhe uma rasteira que o estendeu. O búlgaro ergue-se, já atontado, e em vão tenta sujeitar o inimigo que dança à sua volta e que, a cada passo, lhe projecta um novo ataque... Arquejante, o estrangeiro protesta... Que estão fóra de todas as regras. — «Que lute como ele; que faça o que ele faz!» — exige o público. O lutador então, já não como artista mas como homem que se sente agredido e que quer agredir seja como for, ataca com violência. Foi o que o perdeu. Abel Augusto, ao vê-lo naquela disposição, solta uma praga plebeia que soou a um clarim de guerra e matraqueia, espezinha, arranha, morde, espanca, derruba o antagonista, numa vitória que ficou célebre. Detalhe...: Abel Augusto, para poder comprar a sua geral naquela noite, não jantara — e morria, pouco depois, tuberculoso...

Outra época apoteótica da luta em Portugal foi a heroificada pelo japonês Raku. Raku encheu o Coliseu durante meses seguidos. A sua ciência de pugilato, o *ju-jitsu*, feito de agilidades, de golpes, de rasteiras, exigindo mais nervos, dentro da seriedade, do que músculos, adaptava-se melhor ao nosso entusiasmo, porque era uma espécie de glorificação ao *riscar do jôgo* dos nossos fadistas. Raku, que faleceu em 1918 e que era já uma pessoa enferma, com uma úlcera no estômago que mal o deixava alimentar e que o atormentava continuamente com dores horrosas, declarou

várias vezes que em nenhum país encontrara melhores discípulos do que em Portugal. Existe um episódio da sua passagem por Lisboa que o impressionou profundamente e que ele não queria recordar nunca. Um dos seus alunos portugueses chamava-se Venâncio Cabral, e é hoje funcionário público no Algarve. Tinha então 20 anos e apaixonou-se pela luta japonesa. Ao cabo de dois meses de lição, Raku exibiu-o aos outros alunos, lutando com ele. Venâncio Cabral, sem o esperar, venceu rapidamente o mestre. Este, vexado com a derrota, deixou perceber a uns que o fizera propositadamente, e a outros que sofrera uma tontura, a meio do pugilato. Mas dois dias depois, ardendo numa dúvida íntima, foi ele próprio quem quis nova experiência, mas a sós — ele e o aluno; e ao ser vencido pela segunda vez — contou-me o próprio Venâncio —, Raku chorou amargamente a sua derrota.

Uma noite, no Coliseu, Raku foi desafiado por um autêntico «rufia» — já falecido e também vítima da tuberculose —, um tal Francisco Roque, célebre na Mouraria sob o apódo de «Menino de Cêra». Nunca Raku encontrou, em público, um adversário tão enérgico e tão ágil — embora absolutamente ignorante das regras e segrêdos do *ju-jitsu*. Mas eis que o japonês conseguiu prendê-lo, fechá-lo num dos seus golpes formidáveis:



A custo os doíccias o dominaram...

AS MAIS CELEBRES «OVAS» QUE OS PORTUGUESES «PREGARAM NO ESTRANGEIRO

A proposito da luta no Coliseu — carroceiro que venceu o campeão búlgaro — O Raku e o fista — Os lutadores na intimidade — O gigante que chora — Grilo — O marinheiro português e os «apaches» de Marselha David de Sousa — Um diplomata português que derrotou 15 oficiais alemães



der os sentidos — a confessar a sua derrota...

Os lutadores na intimidade

Muita gente pergunta se os lutadores ganham o suficiente... para viver e se a luta é profissão. Quantos leitores não desejariam trocar as suas fainas no comércio, na indústria, no funcionalismo, pela carreira de lutador... Os lutadores dividem o tempo em anos pares e anos ímpares. Os pares são dois anos seguidos, em que não saem da Europa. Começam pelas cidades alemãs, sobem à Escandinávia, percorrem a Europa Central, Itália, Balkans, França, Inglaterra, Espanha e Portugal. Nesses 24 meses trabalham, em média, 400 noites, percorrem 40 cidades e ganham de 150 a 350.000 francos — fóra os prémios. Nos ímpares organizam *tournees* fóra da Europa — pela América, pelo Norte e Sul de África e pela Ásia, trabalhando menos e amealhando dez vezes mais. Andraeff, o célebre campeão sérvio, luta há 15 anos e possui uma fortuna de milionário. O nosso Grilo, em 35 noites, na Argentina, nos Estados Unidos, e outras repúblicas americanas do sul e norte, reuniu — dizem — 200 contos, sem uma única derrota.

Os maus psicólogos medem a alma e o coração destes Hércules, peçados de músculos, pela grosseira, quasi aleijada, da sua corpulência, julgando-os uns brutamontes na intimidade, capazes de esmagarem com os polegares o primeiro que os aborrecer, tiranizando as mulheres e vivendo uma existência de deboche. Estas fantasias, geradas pela recordação dos monstros glutões dos contos de Liliput, são autênticas callúnias. Quis o destino que uma vez, há anos, se hospedasse uma *troupe* de lutadores no mesmo hotel — Hotel Regi-na — que eu habi-

tava em Barcelona. Um deles, húngaro, o mais forte de todos, era casado com dois palmos de mulher — uma polaca leve, minúscula, algo como pardalito com saias. Com que orgulho ela se dependurava no braço do gigante. Havia tanta ternura naquela ligação que às vezes parecia que ele a ocultava num dos bolsos. Pois bem... Uma noite houve cena de ciúmes. A polaca surpreendera-o a sorrir-se para uma aventureira internacional, vizinha de corredor; e alucinada, assaltou-o, trepou, esbofetou-o, socou-o, arranhou-o, insultou-o num histerismo irreprimível; e ele ria-se, ria-se, fugindo, correndo à sua frente, sem outro gesto do que o de ocultar a cara às palmadas da esposa, como uma criança a esquivar-se à sova da mãe. No dia seguinte, ela mantinha-se agreste, felina, muda e arisca, ameaçando-o com o divórcio. E eu vi — vi! — aquele papão hercúleo e musculoso chorar, convulsivamente, suplicando que lhe perdoasse...

Os portugueses brígões

Nós, portugueses, temos certa vaidade na pimponice nacional, e daí vem este entusiasmo pela luta do Coliseu. Folheando um livro que se aureolou de êxito na sua época (1887), e que hoje está completamente esquecido — «Caminhadas dum cristão errante» —, encontra-se uma cena simbólica, que o seu autor — Mário de Albuquerque (1) — presenciou em Marselha, à saída de um «bar» excêntrico, numa rua do dédalo que do cais irradiava. Dois «apaches», mais parisienses do que marselheses, com as camisolas brancas listradas de azul a estoirarem sobre o arcabouço brutal, as melenas a fugirem sob o boné de pala envornizada, provocavam, insolentemente, um rapazote escanzelado e apoucado, que



Uma prisão acidental, depois de longa resistência...

parecia encolher-se ante aqueles dois gigantes. Súbito, quando Mário de Albuquerque julgava ir ver o rapazote voar até aos telhados, eis-lo a gingar, num sarilho de entontecer, em que os braços e os pés, como que puxados por um cordel, formavam um X — um X cujas extremidades fossem bater, e com que violência, nos dois «apaches». Estes, surpreendidos por aquela ofensiva, desesperaram-se, tentando dominar o agressor, mas o agressor, sem uma pausa, esbofetava, batia, sacudia, até que ambos caíram por terra. O vencedor, cujo peito chato arfava, julgou oportuno mudar de rua, mas já de todas as baiúcas vizinhas surdiam os amigalhões dos «apaches» derrotados e o cerco impedia-o de fugir. Tentou ainda umas corridas, aos zigzagues,

(Continua na página 12)

AS JOIAS DO TZAR ESTIVERAM NA RUA DA PALMA?

As manobras de um poderoso sindicato financeiro — Um traidor da "Tcheca", ao serviço do capital — A magnificência deslumbrante — Tragédia numa estalagem — Fuzilado por um triz... — Em Portugal — Revelações de um português — Num ourivesaria da Rua da Palma.

A denúncia não era falsa. O autor do telegrama de Buenos Aires, avisando-me da vinda de certo *caftan* internacional a bordo do *Sierra Morena*, é que não previu a possibilidade do cavalheiro ter desembarcado em Santos (Brasil), embora tivesse comprado passagem directamente para Lisboa. Quem me informou do destino do negociante de carne branca foi William Street, um velho amigo e colega que não via há perto de dez anos, o enviado especial do *Daily Chronicle* quando a revolução de 19 de Outubro de 1921, com a sua «camionetes» fantasma e a caça ao homem



A casa da Praça do Brasil, a que nos referimos

protegida pela sombra sinistra da noite, alarmava a Europa e atraía a Lisboa o escol dos jornalistas estrangeiros.

Eu, confesso, quasi não me lembrava já do William Street; éle é que não me perdeu de vista e quando me viu na azáfama de percorrer corredores, atravessar salões, de passar camarotes, ôlho aqui, ôlho além, ergueu um berro que, por ser estridente, não deixava de denunciar a flegma e o método britânicos.

— Allô, Mário! Allô! Allô!

A camaradagem jornalística dá um longo e fraternal abraço em tórno do mundo. Não distingue crêdos políticos, nem religiosos, nem rânicos. Feito o reconhecimento, fomos ao *bar* beber uma fresquíssima cerveja espumosa. Inteirado do objectivo da minha visita, foi êle quem me elucidou sobre o destino do *caftan*. Era um assunto que falhava e um jornalista ao verificar o fracasso de uma reportagem não deixa de sentir-se melancólico. Para me animar, para me consolar daquele desaire de que, aliás, não era culpado, William Street disse-me:

— Homem, você perdeu um assunto, mas ganha outro que lhe dou eu. Venho de fa-



Charles Small, detective do Intelligence Service, que esteve em Lisboa

zer a reportagem da visita do Príncipe de Galles à Argentina. Atrasei-me no regresso a Londres e não tenho tempo de acabar umas investigações que já comeccei. A conclusão dêsse trabalho, que deve ser cheia de imprevisto e de sensação, fica ao seu cuidado. Resigno-me a não escrever essa reportagem empolgante...

— ?

O colega britânico apressou-se a acalmar a minha curiosidade expressa por um gesto, murmurando-me ao ouvido:

— Trata-se das jóias da corôa imperial russa. Sim, parece que estão ou estiveram em Lisboa.

Na pista de uma grande reportagem

Senti que o coração me queria saltar do peito. A ideia de que poderia dar ao mundo a noticia mais sensacional dos últimos tempos causava-me vertigem. Disfarcei a minha emoção, sorvendo mais um gole da cerveja gelada, enquanto os ouvidos se conservavam atentos ao que o redactor do *Daily Chronicle* ia dizendo:

— Tem sido meu companheiro de viagem de Buenos Aires para Lisboa — conta-me êle — o homem que mais de perto conhece o assunto. Esse homem já teve em seu poder, na sua mão, os cinco pequenos cofres que continham essas jóias de incalculável valor.

— Quem é? Onde está êsse homem? — inquirimos ofegantes.

— Calma — aconselhou o inglês. — Esse homem chama-se Charles Small e é um dos mais activos agentes do *Intelligence Service*.

Apontou para um canto do *bar*.

— E aquele.

Era um tipo vulgar, de mediana estatura, origem britânica, pelo fato de corte simples e pelo azul transparente dos olhos.

William Street proporcionou-me então uma apresentação, acrescentando aos títulos honoríficos de grande reporter uma frase que talvez servisse de isco ao agente: «pessoa que conhece profundamente o meio português e que poderá ser um precioso auxiliar na sua difficil missão».

Um sindicato financeiro ante o negócio

No dia seguinte, no *Avenida Palace*, enquanto William Street, resignado a perder uma grande reportagem, seguia a caminho do seu jornal, Mr. Charles Small contava-me, secamente, sem adjectivos, como se apresentasse um relatório em Wall Street, as suas arriscadas aventuras, os seus extraordinários esforços para se apossar das jóias do *Tzar*.

— Dos cinco cofres existentes, só me falta obter um, talvez o mais valioso, que eu escondo na Rússia num momento de perigo e que desaparecera do esconderijo quando lá voltei para lhe lançar a mão. Uma pista falsa fez-me seguir há pouco para a Argentina. Ali soube com dados positivos que essas jóias estiveram há anos, e provavelmente ainda estão, em Portugal. Mas deixe-me contar-lhe a história completa das pesquisas a que procedi para me apoderar dessas jóias. Essas pesquisas já custaram a vida de um homem, cujo cadáver repousa na terra dos Sovietes, e por pouco que não custava a minha também.

«Enquanto os cadetes se batiam em Moscow, há anos, a convite de um poderoso sindicato financeiro, fui a uma reunião secreta. Estava presente um russo, membro da «Tcheka», que o sindicato tinha corrompido.

«Esse russo sabia que as jóias da corôa

(Continua na página 15)



...enquanto em Moscow os cadetes se batiam

Se o Vaticano declarasse

UMA saleta íntima. «Miss» Edith T. Crower, redactora, em Lisboa, do *Daily Opinion*, recebe, às quintas-feiras, alguns amigos seus. A tarde agoniza, filtrando-se através das janelas as tintas berrantes que o sol, ao retirar-se, esbanja sobre a Avenida. A um canto, as senhoras discutem os últimos figurinos de *Die Dame* e os romances de Dekobra... A outro canto, três homens discutem o assunto de mais palpitante actualidade, através de três ideais diferentes: o sr. Z..., italiano recém-chegado a Portugal, fascista dos que esticam a camisola negra até cobrirem a cabeça e... os olhos, trazendo sempre a espreitar do bôlo um exemplar de *Il Solo*, órgão mussilinesco, de que é colaborador; e, por último, X, jornalista português. Escutemos o que eles vão dizer:

O SR. Z:—O Estado italiano, precisamente porque restituiu ao Papa os seus poderes, fazendo do Vaticano um Estado, não pode, sem abdicar do mais forte dogma do regime fascista, consentir que este Estado intervenha ou desobedeça às suas leis, invadindo as fronteiras que os separam. As últimas notícias provam que os católicos cometeram graves violências, as suficientes para que o Governo de Itália declarasse guerra ao Vaticano, se o Vaticano pudesse receber tal declaração... Transigir, neste ponto, equivalia a tolerar, num cobarde e apático silêncio, que um outro Estado — a França ou a Austria —, viesse provocarnos, a dentro da própria fronteira italiana!

DR. Y:—Perdão, meu caro senhor Z... O senhor fala como se o Vaticano fôsse um Estado que agrupasse, política e economicamente, indivíduos da mesma raça, e não é assim. O Estado do Vaticano é o dinamo moral de uma grande parte da Humanidade, a embalagem de um reino que está no céu e que dispõe de súbditos em todas as raças, em todos os países, e, portanto, na Itália também. Admite-se que os não-católicos neguem estas verdades; o que não se tolera é que o Estado italiano, sendo católico, apostólico e romano, tendo criado o novo Estado do Vaticano, se contradiga, refutando sagrados direitos e perseguindo os súbditos que obedecem ao Papa. O Governo de Itália, se é católico, não pode ignorar que o dever de todo o católico é sobrepôr a vontade de Deus à de todos os governos, visto que consideram tiranos os governantes que os levam ao pecado da desobediência ao Papa, e, portanto, a Deus! O Estado italiano não só cometeu uma imprudência política, criando

guerra à Itália?

Existe, de facto, uma poderosa organização militar católica, internacional e ignorada, pronta a defrontar-se à primeira voz?

uma legião de adversários dogmáticos, porque todo o católico italiano se torna, mecânicamente, religiosamente, num adversário, como até... (O dr. Y teve um sorriso frio, sinónimo de ameaça, e não prosseguiu).

O JORNALISTA X:—Não discuto as

vossas «verdades», visto que, já o disse Pirandello, cada homem tem a sua verdade, que considera, legitimamente, a única. E eu também tenho a *minha verdade*, a de que a chave do problema consiste... na *mentira*. Quando o Governo de Itália reconheceu os direitos ilimitados do representante de Deus na Terra — pensava para consigo que esse ilimite podia sofrer apenas uma... suspensão: quando se erguessem os direitos dele, Governo, porque a essência do Estado actual italiano é a sua própria supremacia sobre todos, até sobre o Papa, e era por isso mesmo, por se sentir o mais poderoso, que tomava aquela generosa atitude. E pensou mais: pensou que o Papa nunca usaria duvidar desse poderio supremo e muito menos agir como... ingrato. Por sua vez o Santo Padre, ao reconhecer a legitimidade e a força do Estado italiano, pensava que essa força só seria legítima enquanto não se antepusesse à sua vontade, porque a essência do reino papal é a superioridade divina dominando almas, povos, governos. E pensou mais: pensou que o Governo nunca usaria duvidar desse poderio, motivo porque não considerou nem considera ingratitude a sua desobediência. Portanto, o que é *uma verdade insofismável* para um é *uma mentira indiscutível* para outro. Mas agora já é tarde para repararem essa falta — e os dois Estados defrontam-se, ambos intransigentes, não porque não estejam arrependidos mas porque a menor tolerância lhes podia ser fatal. Se o Governo de Itália se curvasse — era como um guerreiro mediável que despisse a couraça metálica a meio de uma batalha. Estaria perdido — porque desmentia o dogma único da sua força, que é a da intolerância. Por seu lado, se o Estado do Vaticano cedesse, confessava à Humanidade que reconhecia um poder superior a Deus — o poder de um homem —, e essa confissão seria o esfalar do principal dogma da Igreja, que é o do supremo senhorio do Criador. Portanto eu, que não

defendo nem ataco, mas vejo e raciocino, livre de paixões ou de interesses, concluo que o problema não pôde ter uma resolução pacífica, uma resolução intelectual, política ou diplomática. E quando dois Estados se emaranham num problema assim — só existe uma fórmula para o decidir...

O DR. Y e o SR. Z:— (ao mesmo tempo) Qual?

O JORNALISTA X:— A da força, aquela que o meu caro sr. Z... evocou, como inverosímil, ao insinuar que... se o Vaticano agüentasse uma declaração de guerra já o Estado italiano a teria formulado, o que, julgo, aos olhos do Dr. Y..., pessoa bem informada nos meios católicos de Roma, não deve parecer tão disparatado, tão *inédito* como o meu amigo julga.

(Cont. na pág. 13)



As mais célebres "sovas" que os portugueses "pregaram" no estrangeiro

mas logo se resignou ao novo pugilato, e, recuando até ao centro geométrico da convencional pista da luta, ei-lo de novo a girar, a pular, a riscar, a derrubar... Tão depressa o supunham vencido, acorrido, como se dansasse o «troika» russo, para «picar», com a navalha, as pernas dos adversários, que logo resvalavam, gemendo; como se distendia, se desdobrava, parecendo voar à altura dos queixos dos siltantes, que logo começavam a sangrar. Entusiasmado, emocionado, Mário de Albuquerque contou os corpos estirados: eram sete. Mas os atacantes multiplicavam-se e o magrisela lutava agora contra uma verdadeira multidão. A barulheira crescia, ensurdecedora; trilaram apitos, e logo surgiram os primeiros «flics», que, desembainhando os terçados, puseram em debandada os «apaches» e enfrentaram, sôzinhos, o valentão. Mas o prodigioso lutador, como uma máquina a que tivessem dado corda, continuou na mesma fúria devastadora, no mesmo ritmo zigzagante, passando rasteiras, anavalhando, socando, girando como um pião erigido de espinhos, que ninguém pudesse tocar. Os apitos trilaram de novo: eram os polícias, já por terra, pedindo socorro. De todas as esquinas desembocaram guardas e «gendarmes»; o cêrco, agora, era... armado, e as espadas relampejavam sobre a cabeça do endemoninhado rapazote, sem conseguirem feri-lo... Súbito — Mário de Albuquerque confessa que não sabe como foi que isso se passou —, aquela agitação infernal teve uma brusca paragem, em que o magrisela ficou como que estático, perfilado, tão brusca que os próprios polícias estacaram também. Era que, rompendo o cêrco, apareceu um oficial de Marinha cuja farda o autor só depois reconheceu, e que, sobrepondo-se ao *brouhaha* da luta, gritara uma só palavra: «Quietos!», e logo o rapaz, esfalfado, cambaleante, esgaseado, exclamou: «Pronto, meu tenente!».

Aquele brigão que enfrentara, triunfante, dezenas de «apaches» e de polícias, era sargento da Marinha portuguesa — conta Mário de Albuquerque —, chamava-se Júlio Reis e pertencia à tripulação de um barco de guerra nosso, ancorado em Marselha. Conquistara certa Julieta daquele bairro excêntrico e vestira-se à paisana, na disposição de pregar uma lição... à portuguesa aos «souteneurs» que a rondavam. Fôra tão prodigiosa a sua valentia que o tenente — hoje almirante reformado —, dizendo às autoridades locais que o levava preso para bordo, o abraçou logo que embarcaram. E eu, ao ler este episódio, pensei em reunir as mais célebres «sovas» que glorificaram o nome de Portugal no estrangeiro.

Sovas célebres

Vou enumerá-las, sem ordem de datas. Recordam-se de David de Sousa, o saúdo mastro, que magnetizava, todas as semanas, o público lisboeta, no Teatro Politeama, e que, tão novo ainda, precisamente quando a fortuna lhe sorria, a morte levou? David de Sousa não colhera, fácil e suavemente, os frutos da glória: sofreu, lutou muito antes do triunfo. Ambicioso e pobre, foi estudar para a Alemanha, sem outros recursos do que os do seu trabalho. Recordam-se dêle? Magro, alto, peito chato, moreno, olhos vivos, negros, lusitanos, guedelha exagerada, formando um ? inverso sobre a nuca... Alguém que assistiu

à cena, conta-me...: «Foi em Leipzig, na cave de uma cervejaria famosa, porque foi nela que Goethe escreveu o «Fausto». Reuniam-se nessa «cave» algumas dezenas de estudantes, dilatando os estômagos com correntes de cerveja. David de Sousa, nostálgico, isolado, estudava a um canto. Sabendo que era estrangeiro, começaram a soltar enxovalhos contra vários países, e como David não se movera, visto que o nome de Portugal tinha escapado à provocação, julgaram-no acobardado e iam a voltar-lhe as costas quando êle, com aparente calma, se ergueu e disse: «Esqueceram-se de insultar um país, o meu... Sou português... Venha um insulto para Portugal...». Um dos estudantes, com os lábios cheios de espuma de cerveja, obedeceu: «Portugal é terra de selvagens!» Não concluiu, porém, a frase. Empunhando a caneca, matraqueou com ela o crânio do provocador, ensanguentando-o... «Eu vi aquela onda humana rolar sobre David — descreve o meu informador —, e David desaparecer dos meus olhos. Julguei-o esmagado, espezinhado, morto mesmo, o que não é inédito nestas brigas de estudantes ale-



D. José Flávio de Azevedo, célebre pelas suas «sovas»...

mães... Mas, qual não foi o meu pasmo ao vêr essa onda recuar, abrir-se em brechas largas, grupos a correr para as escadas... Dez minutos depois, David reaparecia aos meus olhos, empoleirado sobre uma mesa, girando com um banco na mão, banco que derrubava os últimos estudantes que lhe resistiam. Note-se: David de Sousa, em Leipzig, apesar da sua pobreza, caprichava de «dandy». Pois bem: nem a guedelha se esfarrapara nem a flôr caíra da lapela...»

Dois meses antes da guerra, vivia um português — um pelo menos, que eu saiba — em S. Petersburgo. Era Camilo de Sousa Machado, parente do ex-presidente dr. Bernardino Machado, que atravessara a Europa, à aventura, na hipótese amorosa de uma actriz francesa. Uma noite, no *Hermitage*, o célebre «cabaret» russo, a francesa desprezou-o, para ceiar numa mesa de cadetes e «hussards». Camilo Machado esteve auto-envenenando-se com ciúmes e «vodka»; por fim, não podendo conter-se, teve a seguinte quixotada: «Se tu, Rose, me prometes ser minha quando êstes senhores fugirem daqui, eu juro que os farei fugir...» Teve logo como prémio da insolência um copo a estilhaçar-se no rosto, mas Camilo, como se tivesse vendido a alma ao diabo, atacou-os com tal ferocidade que, um quarto de hora depois, es-

tava sôzinho com a Rose... Esta «sova» ficou por tal modo famosa que os completistas do *Hermitage* a glosaram sob o título de «O português maluco»...

Ainda há pouco tempo os jornais portugueses que se publicam nos Estados Unidos se referiram a uma «sova» portuguesa, realmente digna de celebridade. Um operário algarvio, Jorge Carneiro, após longos meses de abstinência, conseguiu que lhe vendessem um pipó de vinho, passado a contrabando, e a esvasiá-lo saiu para as ruas de Boston, ansioso por brigar. Teve a sorte — ou a fatalidade — de ser ridicularizado por um grupo de «yankees», num «café» qualquer. Ele, sôzinho, despejou o «café», e, para o prenderem, houve tal parada policial que os transeuntes julgaram tratar-se de um bando de facinoras, em vez de... um algarvio armado com os bancos e garrafas que estavam ao seu alcance...

Uma sova aristocrática

D. José Flávio de Azevedo Mascarenhas, descendente das melhores famílias de Portugal, tivera sempre fama de valentão. Mas, passada a mocidade, entrara para a carreira diplomática, e havia já 15 anos que não experimentava as suas forças, quando, em 1870, sendo secretário da nossa legação em Berlim, foi obrigado a reviver a sua mocidade. Numa «soirée» não sei em que embaixada, o general alemão «Von» Backter distraía um numeroso grupo de diplomatas estrangeiros e de aristocratas prussianas, urdindo calúnias sobre a França. Estava-se a dois passos da guerra, e ela pairava já na atmosfera. A certa altura fez rir os ouvintes, criticando a honestidade da imperatriz Eugénia, da França. Mas uma voz se ergueu, ordenando: «Cale-se! Nem mais uma palavra!» Fôra D. José de Mascarenhas quem falara, porque era amigo pessoal do imperador Napoleão III. O general «Von» Backter, empalidecendo, murmurou que estava às suas ordens. «Não! — respondeu o diplomata português. — Não me bato em duelo com um canalha da sua força. Não me bato, mas bato! Espero-o...»

«Von» Backter, mais novo do que D. José, tinha fama de musculoso... Contudo, ao sair, cercavam-no uns quinze ou vinte alemães robustos. D. José desemparou-se da sombra e, enfrentando-o, esho-feteou-o. Caiu-lhe em cima todo o séquito do general, mas todo o séquito e o próprio general debandaram pouco depois, abandonando capas, bonés e luvas. E D. José recolheu ao seu palacete sem uma dedada a sujar-lhe o peitilho engomado.

Perdeu o seu posto na diplomacia, mas nem por isso deixou de ser um bom diplomata, daqueles que sabem representar o seu país no estrangeiro...

R. X.

(1) Mário Felipe de Azevedo e Silva Albuquerque, um dandy dos que acamaram, na juventude, com Eduardo VII, um dos Petrólios do nosso Chiado e um dos árbitros de S. Carlos, intelectual, civilizado, amigo de tu de Eça e de Ramalho (com este último se retratou êle no atelier de Dufoc, numa fotografia muitas vezes publicada), e de cujas intimidades Eça desventrou alguns segredos para Jacinto, Fradique Mendes, Carlos Eduardo e João da Ega, morreu, como Oscar Wilde, num hotel modesto de Paris, abandonado, arruinado, caluniado.

Se o Vaticano declarasse guerra à Itália?

Silencie-me, rápido. O sr. Z... soltou uma gargalhada... pouco sincera; mas o dr. Y..., num rápido tregueito, fez-me sinal... para que não continuasse.

As forças militares do Estado do Vaticano

Naquela mesma noite, discretamente fechados num quarto do Hotel Europa, o dr. Y... esclarecia-me sobre a verosimilhança de uma guerra entre o Estado do Vaticano e o Estado de Itália — verosimilhança que, segundo concluí, se apoia na verdade de factos já esboçados e que, de dia para dia, se acercam mais de uma realidade absoluta e nada suave. Eis o que lhe ouvi e que reproduzo textualmente:

«A hipótese de uma guerra, mas guerra real, com soldados, com oficiais, com canhões, metralhadoras, aeroplanos, obuses e batalhas, tem três aspectos a discutir. Primeiro: A gravidade do conflito, a necessidade da sua resolução, exige ou não exige um violento sacrifício? Exige, sim senhor. Sobre os católicos da Itália, que são milhões, paira uma ameaça horrível! Ora como da acção católica italiana depende o desenvolvimento desta Nova Era de prosperidade moral da religião que se nota em todo o mundo — o Vaticano não deve hesitar ante qualquer sacrifício para defender não só os seus rebanhos da Itália como também para salvar o seu poderio universal e para desimpedir a marcha dessa nova propagação de fé... Portanto — conclui-se que este conflito pode exigir um grande sacrifício para se obter uma vitória definitiva... Segundo aspecto: Pode a Igreja, colmeia de todo o amor e de toda a paz universal, ser a causadora de tanta tragédia, de tanta lágrima, de tanto sangue, frutos inevitáveis de todas as guerras? A Igreja condena todas as guerras — mas é a sua própria história, são as suas próprias glórias que afirmam a necessidade de uma excepção. É quando a guerra se torna santa; quando os inimigos da Igreja ameaçam os seus sagrados alicerces, ou quando profanam o que de mais essencial existe na fé cristã. Quantos exemplos — desde as Cruzadas que levantaram a Europa católica para libertação do Sagrado Sepulcro até à própria história do nosso país, nos capítulos referentes à expulsão dos infiéis que dominavam Portugal e às epopeias africanas, tão tristemente rematadas no desastre de Alcácer-Kebir!... Conclui-se, portanto, que a Igreja pode aceitar uma Guerra, a Guerra Santa.

Falta-nos encetar o terceiro e último aspecto da hipótese: a viabilidade material dessa guerra — visto que a viabilidade moral ficou demonstrada. Pode o Estado do Vaticano, com o seu exército de uma centena de soldados, que de tantos se compõe a sua guarda de suíços, enfrentar um exército como o da Itália, que mobiliza 2.000.000 de homens, floreteando as suas lanças decorativas com o admirável e moderno armamento que enche, a transbordar, os arsenais italianos? Não pode, já se vê. Pensá-lo sequer — seria mais quixotesco que o próprio D. Quixote... Mas quem nos diz a nós, meu caro jornalista, que simultaneamente à criação do novo Estado, e prevenido as ameaças futuras, não se organizasse também, sábia e silenciosamente, um grande e poderoso exército do Vaticano, disperso por todo o mundo — mas fácil de mobilizar, à primeira voz? A Igreja — e quem diz a Igreja diz o Vaticano, e quem

diz o Vaticano diz milhões e milhões de católicos — não quer que se repita a série de derrotas que teve como apogeu a vitória de Garibaldi. Há dois séculos que o Cristianismo luta, primeiro incrédulo, ante o sacrilégio teórico dos filósofos, depois recuando ante o sacrilégio material dos destruidores; depois... reuniu, reflectiu, inspirou-se e preparou a contra-ofensiva que estava — e está — em pleno triunfo, e que não pôde descarrilar pelo despotismo seja de quem for... Portanto — a Igreja pode, materialmente também, resolver o problema. O seu exército voluntário existe! Deve-o a dois grandes católicos: um francês e um italiano, Foram eles que o organizaram. O que faz falta a um Estado para poder guerrear com outro Estado? Soldados? Podemos mobilizar, reunir, em poucas semanas — o tempo indispensável, de se transportarem dos seus países... para o local escolhido para se congregarem — mais 500.000 homens do que o exército italiano. Mas se fosse preciso o dobro, com o dobro contávamos, numa segunda mobilização para uma Guerra Santa. Oficiais? Dispomos dos melhores estratégicos de todos os exércitos, oficiais experimentados, gloriosos, e prontos a sacrificarem a vida, a carreira, a própria pátria, pela pátria comum dos cristãos, que é a de Deus! Armamento, munições? Tudo está previsto... Os grandes sindicatos internacionais forneceriam rapidamente todo o material de guerra que o exército do Vaticano necessitasse! Dinheiro, o principal dinamismo de todas as guerras, a moeda real de todos os exércitos? Todos os católicos ricos dos cinco continentes subvencionariam esse exército — que pôde contar de início com 500 milhões de libras! E para nós certificarmos da possibilidade dessa verba, basta relancear a vista não pela fortuna da Igreja mas pelos milhares de católicos ricos, riquíssimos, milionários e arqui-milionários que existem neste mundo, e sem falar no auxílio modesto da grande maioria, porque muito poucos fazem muito também. Mesmo Portugal...»

Silêncio. O dr. Y... falara, sem perder o fôlego, durante uma hora. Por fim, desentrelaçando os dedos de sobre o ventre côncavo, recomeçou: «Adivinho o seu pensamento: que todos estes planos foram expostos (modéstia à parte) com uma lógica irresponsável — mas que padecem de um remate fraquíssimo. Como pode esse exército agir, a principiar pelas dificuldades de agrupamento, de despacho e armazenagem de material, de ponto de partida para que se produza o choque porque, sem combate, não há guerra possível? É natural também que os organizadores do exército do Vaticano previssem estes atritos; mas se não os resolvessem primeiro — nunca teriam gasto tanta energia e tanto dinheiro na construção de uma maquinaria gigantesca e... inadaptável à realidade. Portanto — esses atritos... não existem, porque existe sempre um terreno neutro, um Estado cujos interesses de política internacional coincidem com os nossos e que, embora diplomaticamente jure o contrário, embora os seus gendarmes vigiem as fronteiras, os comboios que chegam e... certos muros de vastas propriedades fronteiriças, fecham os olhos a certas reuniões e certos desembarques, mesmo quando os primeiros sejam de milhares e milhares de homens e os segundos de toneladas e toneladas de caixotes...»

Doas da manhã. Através das janelas do

Os dramas íntimos do Porto

meio em que vivia. A sua alma, nobre e delicada, deliciava-se em entronizar, para um culto íntimo quasi fanático, os entes que amava e que aureolava de candura. O símbolo dessa religiosidade afectiva era sua irmã G..., que elle adorava e que elle via através a sua própria alma, supondo-a a mais casta, a mais pura, a mais santa das mocinhas da sociedade. Vira, com certo temor, a metamorfose da sua natureza, que transformara a garota traquina numa mulherzinha luminosa de encantos, com a seda da blusa a dilatar-se sobre as curvas gentis da puberdade... Mas após uns meses de vigilância atenta, sossegou, convencido de que ela... era como elle...

Os amigos da sua «roda», menos sensíveis do que elle, exploravam, com volúpia, os escândalos citadinos. Há muito que elle ouvia falar de certo atelier à parisienne, recém-inaugurado, frequentado apenas por certas damas de «alto relêvo» e que servia de pretexto para laboratório experimental das revelações de Dekobra. Citavam nomes, episódios, descobertas — entre gargalhadas e comentários soezes. Um dia vieram dar-lhe uma berrante novidade... Tinham conseguido alugar um *appartement* no andar superior ao atelier; e perfurando o soalho obtinham um admirável ponto de observação para o que se passava nos bastidores do atelier. M... R... foi levado à força, mais indiferente do que repugnado; estabeleceu-se, num silêncio cauteloso, a ordem dos que deviam bisbilhotar pelas fendas do soalho; e por fatalidade coube a M... R... inaugurar a série... M... R... apenas se demorara uns segundos ajoelhado no chão. Ergueu-se logo, cambaleante, pálido como um morto, e sustendo os que esperavam a vez para espreitar também, pediu-lhes, numa voz que não era a dele: «Se vocês são meus amigos acompanhem-me e não voltem a esta casa». E como notasse hesitações, concluiu: «Peço-lhes pela honra... das vossas mães... ou das vossas irmãs!»

Intrigados, aborrecidos, cederam e partiram — acompanhando-o. Ele não dissera nem mais uma palavra durante toda a tarde. Despedira-se à hora do jantar — e só o tornaram a ver, morto, na *garçonniere*...

O «Guines»,

Quem revelara todo o mistério fóra o «Guines», ex-«ardina», um vadio que vive de fazer recados aos moços elegantes: «Eu estava na paragem dos carros, a ver quem entrava para o atelier... Quando o sr. M... R... me apareceu (eu sabia já do caso do soalho esburacado), caiu-me a alma aos pés. Faltou-me a coragem para avisar os amigos... Teria evitado aquela morte...»

— Mas porquê — inquiriu quem o interrogava. — Ora... porquê. Porque eu, pouco antes, vira entrar para o atelier a menina G... — a irmã...

Eis o segredo da morte desse simpático e nobre moço que todo o Porto conhecia.

CRISE TEATRAL

A última hora, fômos forçados, por tirânica falta de espaço, a retirar um interessantíssimo artigo do sr. Bento Faria, aplaudido dramaturgo, sobre a crise teatral, que publicaremos no próximo número.

quarto, viam-se as árvores do Camões — Estado independente de milhares... de paraísos. O luar forte, aplatinado, com um clarão estático de magnésio, parecia um holofote de guerra, revelando-nos uma coruja, a sinistra coruja da Praça de Camões, que andava, como de costume, à caça da passarada indefesa e adormecida...

REPORTER X

De Constantinopla ao Bairro Alto

(Continuação da página 7)

que está de passagem — bisbillhotaram os porteiros. Devia ser «Von» Stoltz, que, apesar do seu apelido germânico, é segundo secretário de legação em Madrid, e que esteve em Lisboa em Setembro de 1926, como consta dos jornais da época.

O jovem «Cedovem», como que inspirado por uma madrinha celeste, encaminhou milagrosamente o negócio. Conhecendo o marçano que fóra vender os cinco cadernos, esperou-o à saída da mercearia da Rua da Atalaia e, oferecendo-lhe uns «copos», soube que aquela papelada tinha sido comprada a peso pelo patrão a uma freguesa da Rua da Rosa. Ele, marçano, encantára-se com a honesta e escamoteára-a, sem que o patrão desse por isso, estando as *mais lindas* no seu quarto. Nessa mesma noite «Cedovem» adquiriria, a quilo, todos os volumes que o marçano possuía e na manhã seguinte foi bater à porta da freguesa da Rua da Rosa. Contou a mulherzinha que era irmã de uma governante do falecido Pires Veloso, que fóra nosso cônsul nos Balkans; que aqueles livros trouxera o sr. cônsul, de regresso a Lisboa, e que a mana governante os herdára, por ocasião da morte do amo. Vendera alguns ao merceeiro, mas possuía, intacto, o restante, quasi uma tonelada deles. Depois de regatear uma hora, levou-os todos para a loja. O diplomata e arqueólogo turco com apelido alemão — «Von» Stoltz —, ao ver o «stock», delirou e não discutiu o preço que, sem cálculo prévio, só por inspiração divina, «Cedovem» filho impusera... em nome do tal amigo. Ao exigir *cem pesetas* por caderno, não visionára o que seria a totalização, multiplicando essa cifra pelas carroçadas de mil e tal cadernos que arrebanhára na casa da Rua da Rosa. Naquela tarde solene apenas recebeu um sinal de... dez contos. As negociações duraram semanas, visto que o diplomata teve de escrever para Madrid, para que de lá pedissem os fundos necessários ao Governo. E, graças àquela papelada, a família «Cedovem» emergiu da sua penumbrosa modestia para a riqueza que agora ostenta, coisa parecida com 700.000 escudos...

Mas não julguem que foi só o acaso que operou; Allah, o deus dos muçulmanos, e portanto dos turcos, também interveio no assunto... Na fúria reformadora com que Kemal-Pacha eletrizou o seu país, os funcionários do Estado quiseram limpar, em pouco tempo, de todas as velharias, o palácio dos sultões. Havia Himalayas de papelada a entulhar salas e salas. Venderam-na a peso — sem que eles ou os compradores se dessem ao trabalho de a avaliar. Quando transportavam uma grande parte para a Bulgária — é a revista francesa *Lu* que o conta... agora, passados anos —, umas folhas voaram dos pacotes, pela janela aberta do vagão. A *Lu* narra várias peripécias vividas por essas folhas até caírem nas mãos de um entendido, que viu tratar-se nada menos do que de documentos *únicos no mundo!* Vinham do século XVI, do tempo de Soliman, o «Magnífico», do cerco de Viena, da correspondência secreta entre Kara Mustapha e Sobieski, rei da Polónia. O governo de Angora, imediatamente avisado, decretou uma verba de dois milhões de francos para que esses valiosos documentos regressassem à Turquia; telegrafou-se a todas as legações para que

farejassem e resgatassem por qualquer preço essa papelada, preciosa como curo... Ora, quis Allah que um cônsul português visse, se interessasse e comprasse e trouxesse para Lisboa umas toneladas desses documentos, que encontrára em Sofia, capital da Bulgária. Mas esse cônsul — o sr. Pires Veloso — faleceu pouco depois, em 5 de Março de 1926. A governante, herdeira desses papeis, levou-os para casa duma irmã, e esta, por sua vez, começou a vendê-los a peso ao seu merceeiro. Depois... O que sucedeu depois, até ao palacete e ao «Citroën» da família «Cedovem», já os senhores sabem. Que esta reportagem os alerte a todos; que nunca mais se desfaçam ou empreguem em fins... irreparáveis os papeis que lhes venham à mão, sem primeiro os examinarem. Pode muito bem ser um documento valioso de Soliman, o «Magnífico», ou uma epístola de Solieski, e valer algum bom punhado de libras...

R. X.

Mortos que vivem e vivos que morrem

(Continuação da página 6)

Giullia Canella esteve na posse do louco; por uma vez a viuva Bruneri o obteve para si, por intermédio dos tribunais. Só o louco, absolutamente esquecido do passado, não pôde ou não quer dizer ao certo quem é, ele que seria o único a decidir a questão. Será Mário Bruneri? Será Giulio Canella? Não será nem um nem outro?

Desenrolou-se há pouco tempo em Buenos Aires uma cena trágico-burlesca que vem ilustrar o grande livro que se poderia escrever com «os mortos que vivem e os vivos que morrem». Encontraram um cadáver em avançada decomposição. Na presença de muitas testemunhas, uma mulher reconheceu no feretro o seu filho, Sebastião Alvarez, de 18 anos, que tinha abandonado a casa dois meses antes para procurar trabalho.

Preenchidas as formalidades legais, prepararam-lhe o enterro. E quando a mãe, família e vizinhos velavam o cadáver, abriu-se a porta e... entrou o Sebastião Alvarez, em carne e osso, são e escorreito.

Fleugmáticamente, o Sebastião Alvarez vivo dirigiu-se ao Comissariado, e disse para o comissário:

—Aquele cadáver não sou eu. Leve-o para onde quiser!...

Lisboa já delirou de entusiasmo ante um drama que ainda hoje se representa com grande êxito, cujo entredo se desenrola em torno de uma figura que se julgava morta, um homem que partira para Alcácer-Kebir com D. Sebastião, e lá ficara, deixando em Lisboa a mulher e uma filha. Feitas desesperadas e infrutíferas pesquisas para encontrá-lo, foi dado por morto, tendo a viuva casado segunda vez. Um dia apareceu um peregrino a pedir pousada: era o desaparecido, o ressuscitado. Quando, angustiada, suspeitando da verdade, a mulher que ele veio encontrar casada com outro lhe perguntou: «Quem sois?», ele respondeu, como se falasse de além-túmulo: «Ninguém». O drama é o *Frei Luiz de Sousa*, a melhor obra teatral de Almeida Garrett, e uma das peças mais formosas do mundo.

A Humanidade vai morrer de fome

(Continuação da página 6)

multidões compactas, que normalmente se acotovelariam febris, a partir da hora em que soar a agonia da fome, tornar-se-ão cabisbaixas, sombrias, sinistras. Durante dois ou três dias vagabundearão soturnamente pelas ruas, uns de olhar morto, outros alucinados, rostos sem alegria, rictus feroz, falas escassas e entre dentes.

Decorridos dois ou três dias de dôr melancólica e concentrada, os primeiros conflitos violentos surgirão. Por muito civilizados que os homens se encontrem de hoje a um século, não deixarão de ser humanos e, portanto, ferozes. A fome fará estalar o verniz da civilização, mostrando a fêra. E a fêra, acossada pela fome, matará. No *gentleman* ressuscitará o antropófago. E sobre os montões de vítimas que juncarão as ruas, as avenidas, os *boulevards*, erguer-se-á a horda desvairada dos famintos. Nas cidades desertas ecoarão gritos e uivos — uivos da fêra-humana, gritos dos que tomados por fraqueza forem desventrados pelos que os quererão transformar em azeite de macabro banquete. Depois, a própria carne humana escasseará, até que no globo não existirão mais do que dois sobreviventes que, numa luta titânica, tentarão derrubar-se para jantar. Por fim, um ente só, abandonado, no êrmo, no cemitério incomensurável que será a Terra, cairá para sempre. E a Humanidade deixará de existir.

O Detective X

Porque razão certa categoria de gente cuja existência teimamos em esquecer — pois temos assuntos mais importantes que nos preocupam — persiste em se ocupar de nós? Como não podem lutar connosco, frente a frente, com armas leais, guerriam-nos com a arma traiçoeira da calúnia, no intuito de criar a desconfiância nos nossos leitores e amigos. Mas enganam-se.

Da boataria que pelos «cafés» se tem espalhado sobre o *Reporter X* apenas uma mentira queremos hoje pulverizar. As outras desfazem-se por si, como pó que o vento reduz a nada: Que Mário Domingues, chefe da redacção deste jornal, em quem depositamos absoluta confiança, nosso amigo desde os bancos da escola, iria fundar um jornal intitulado *O Detective X*, no género do *Reporter X*, só para fazer concorrência ao jornal cuja redacção chefia actualmente. Desmentimos formalmente este boato, que teve decerto a sua origem no facto de nós pensarmos em iniciar muito brevemente a publicação de um novo semanário com o título de *Detective X*, e num género absolutamente diferente do *Reporter X*.

O *Detective X*, que nós vamos publicar dentro de algumas semanas, será mais um triunfo nosso. Trata-se de um semanário de aspectos e assuntos absolutamente novos. A melhor e mais completa reportagem dos casos policiais e criminais de Portugal e do estrangeiro será feita todas as semanas, acompanhada das mais sugestivas gravuras, pelo *Detective X* — o único semanário que na Península se dedicará a este género difícil de jornalismo.

Costuma-se dizer que da calúnia alguma coisa fica. O ditado confirma-se, mas, desta vez, em condições que merecem regosio. Da calúnia do *Detective X* — ficará o *Detective X*, jornal dirigido por Reinaldo Ferreira, que honrará o jornalismo português e deliciará alguns milhares de leitores.

AS JOIAS DO TZAR ESTIVERAM NA RUA DA PALMA?

Os mergulhadores do Inferno

imperial estavam nas mãos de um oficial russo que as venderia por um milhão de libras. Consertou-se o plano. Eu chefiaria uma expedição secreta à República dos Soviéticos, compraria as jóias ao oficial, e receberia uma comissão apreciável.

«Tudo parecia muito fácil. Tomaríamos o caminho do Báltico — eu, um inglês, o russo renegado da «Tcheka» e um francês perito em jóias. Dirigimo-nos a Riga, por caminhos diferentes. Uma vez ali reunidos, fretámos um *yacht* com o pretexto de fazerem o cruzeiro da Europa e partimos para a Rússia».

As jóias — Uma luta perigosa

Charles Small fez um gesto de que passava em branco muito episódio curioso e continuou:

— Foi-nos fácil abordar o oficial russo que possuía as jóias. Depois de uma marcha penosa sob a neve, guiados por outro russo que nos esperava, entrámos numa hospedaria de má aparência. Num compartimento afastado, junto do fogo a que se aquecia, estava o oficial. A luz escassa de uma lâmpada de azeite, o oficial abriu cinco caixas, que me deslumbraram. Nunca na minha vida contemplei maior magnificência! O périto francês examinou, jóia por jóia. Eram todas autênticas. O russo da «Tcheka» entregou ao oficial cheques no valor de um milhão de libras. O negócio estava feito. Selaram-se e lacraram-se as caixas. Distribuímo-las pelas largas algebeiras e iniciámos a viagem de regresso.

«Quando chegámos a um ponto que nos parecia mais seguro, entrámos noutra estalagem. Os meus companheiros acharam preferível que eu fôsse ao *yacht* buscar uma escolta para os acompanhar. Ficaram no albergue o russo da «Tcheka» e o meu companheiro inglês.

«Quando regressasse, com dois marinheiros armados, que ficaram escondidos nas imediações, a estalagem estava cheia de uma *troupe* de bandidos que me olhavam ameaçadores, o russo tinha desaparecido e o inglês, bêbedo que nem uma cabra, estava estendido sem acôrdo num compartimento. Das cinco caixas, apenas encontrei quatro. Apoderei-me delas e, de *browning* aperada, atravessei a sala entre os bandidos que me observavam e fui levá-las à escolta com ordem de as conduzirem a bordo o mais depressa possível.

«Tornei à estalagem. No compartimento, o meu colega inglês ressonava ainda. E desta vez tive mais sorte, pois encontrei a quinta caixa, mas aberta. Pareceu-me, porém, que não faltava uma única jóia.

«Inútil e perigoso seria tentar atravessar de novo a loja onde os bandidos se entregavam a grandes libações. Então, introduzi na minha larga cigarreira de metal as jóias que me pareciam mais valiosas, abri a janela, deixei-me escorregar para as traseiras da casa, onde havia um estábulo, e enterrei o tesouro num local que só eu seria capaz de descobrir, se um dia voltasse à Rússia.

«Mal terminava esta tarefa, ouvi tiros, saltei novamente no compartimento e encontrei o meu colega inglês morto, com o pescoço e o peito atravessado por balas. Quando ia a escapar-me, uma voz gritou-me:

— «Está preso!»

«Levaram-se para um subterrâneo, onde me conservaram detido mais um america-

no que lá encontrei. Comparei perante a «Tcheka», que me deu a escolher entre o revelar onde estavam as jóias e o fuzilamento. Não proferi palavra.

«Porém, no dia em que se preparavam para me executar, o cônsul americano, que interveio em favor do meu companheiro de clausura, reclamou-me também. E eu pude regressar à Europa são e salvo».

Em que aparece um português

Mas não ficam por aqui as aventuras de Charles Small. Anos depois, introduz-se secretamente na Rússia, pernoita na estalagem, corre ao esconderijo — mas as jóias não estavam lá. Quem as descobriria? A «Tcheka»? Não, fôra o dono da estalagem. O novo proprietário contou-lhe que, subitamente, o antigo proprietário o procurara para lhe propor um negócio. Vender-lhe a estalagem. Aceitara. E o outro abalou para Buenos Aires, segundo constava na vizinhança. Era uma pista. Small lança-se nela, um pouco desvaído. Vai à Argentina. Resolve Buenos Aires, freqüente os meios onde se encontravam os emigrados russos e, uma tarde, desanimado, trava conhecimento com um português de nome Joaquim dos Santos que, num acaso de conversa, revela conhecer perfeitamente o russo da estalagem. Mostra-lhe uma fotografia onde estão várias pessoas em grupo e entre elas Joaquim dos Santos, ao lado do russo, Antonovitch Petroff.

Essa fotografia foi tirada em Lisboa, num estabelecimento da Rua da Palma. Contou-lhe o Santos que Antonovitch chegara a Lisboa numa situação lamentável, quase faminto, tendo por várias vezes recorrido ao seu auxílio financeiro. Quinze dias depois, misteriosamente, modificara por completo a sua situação. Pagou todas as dívidas, pandegou nos *clubs*, gastando à larga. E como o Santos lhe perguntasse que feliz acontecimento o tornara tão próspero, respondeu que fizera um negócio com um joalheiro da Rua da Palma, que lhe pagara por bom dinheiro uma antiga jóia de família.

Small inquiriu, então, se nunca vira ao russo uma cigarreira de metal com os sinais da sua. O Santos lembrava-se, perfeitamente, de um dia ter visto essa cigarreira sobre a mesa do seu quarto, no Hotel Macedo, das Portas de Santo Antão. E como, curioso, lhe pedisse para a ver melhor, notou que pesava muito, não tendo tempo para se entregar a mais observações porque o russo, muito pálido, lhe arrancou da mão, dizendo na sua algarviada que era uma recordação sagrada.

Mais tarde, depois do russo ter desaparecido sem deixar rastro, o Santos tornou a ver a cigarreira na mostra de uma ourivesaria da Rua da Palma, em exposição. E de outra vez, dias decorridos, entrando num estabelecimento da Praça do Brasil, enquanto esperava que o atendessem, notou que um cliente, que esperava também a sua vez, puxára de uma cigarreira idêntica, se não a mesma, para tirar um cigarro.

Foram estas preciosas informações que trouxeram Charles Small a toda a pressa a esta pacata cidade de mármore e granito.

— As jóias estão em Lisboa! — afirma, cheio de convicção, o agente do *Intelligence Service*.

E não é fácil que ele se engane.

agravar as impressões causadas pelo sucedido naquela noite de 13...

...Os invasores demoraram-se perto de meia hora; e ao ressurgirem, traziam, como prisioneiros, dezenas de indivíduos. Até ao nascer do dia, os outros andaram num vaivém contínuo, levando novos prisioneiros. Mas o que mais surpreendeu os vizinhos foi o guarda-roupa dos que saíam do casebre: todos eles, com raras exceções, envergavam extravagantes trajes de mergulhadores — com as cabeças encaifadas nos cilíndricos capacetes de aço e cristal, serpenteados pelos respectivos tubos de respiração.

Mussolini, entre outras polícias especiais, criou a que se destina exclusivamente a perseguir seitas, sociedades secretas, *Maffias* e carbonárias de que a Itália é pródiga. Essa Polícia recebera há muito a denúncia de misteriosas reuniões naquele casebre da *Via della bocca che dice la verità*. Investigou, organizou a ofensiva, realizou o assalto — e qual não foi a tontura dos detectives ao descobrirem uma série de minas profundíssimas e sucessivas e um viveiro de indivíduos, com trajes e capacetes de mergulhadores, mourejando em novas escavações... O anoão aleijado que os capitaneava suicidou-se, atirando-se ao abismo; dos outros, facilmente a polícia arrancou qualquer confissão elucidativa. Mas, pelo pouco que apuraram, e pelo que lemos na imprensa italiana, trata-se de uma seita de loucos ou fanáticos, cujas intenções, meio científicas, meio... religiosas, eram de... estabelecerem um contacto... com o Diabo, que eles adoravam, como supremo senhor dos corpos e das almas. Ao que parece, o local das experiências fôra escolhido pelo corcunda — um engenheiro de Turim, arqui-milionário, de nome Silvini, que queimou grandes fortunas e longos anos de vida no estudo e realização dos seus planos. Segundo as previsões do engenheiro, estavam prestes a atingir uma zona subterrânea, cuja atmosfera estaria impregnada em gases venenosos — e era em defesa desses gases que os seus adeptos usavam trajes de mergulhador.

Este *affaire* causou enorme sensação na Itália.

Quereis dinheiro?

Joíai no

GAMA

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

REPORTER MÁRIO

NOVELA N.º 22

Quinta-feira, 2 de Julho de 1931

A R U A
S I N I S T R A

SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X

LEIAM
